



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA – UNILAB

Instituto de Humanidades e Letras

Bacharelado em Humanidades

MÉRCIA CARLA LIMA PIRES

**BANALIZAÇÃO DA MULHER NAS MÚSICAS DE FORRÓ**

Redenção - CE

2017

MÉRCIA CARLA LIMA PIRES

## **BANALIZAÇÃO DA MULHER NAS MÚSICAS DE FORRÓ**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador (a): Prof. Dr. Roberto Kennedy Gomes Franco

Redenção - CE

2017



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA - Unilab  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS – IHL  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES – BHU

**MÉRCIA CARLA LIMA PIRES**

## **BANALIZAÇÃO DA MULHER NAS MÚSICAS DE FORRÓ**

### **RESUMO**

Este trabalho tem como principal objetivo, apresentar a cultura do forró da década de 40, onde os compositores mostravam em suas composições o sofrimento de uma região do país, em que falta d'água tornava os dias mais difíceis, mas mesmo assim, apresentou ao mundo repertórios que ainda são tocados em qualquer local, onde um nordestino se faça presente. Além das mudanças que destroem um forró tradicional, passando para um que banaliza a mulher de forma grotesca, em que onde passa a ser depreciada pela banda Saia Rodada e Aviões do Forró, com a música Lapada na rachada, os Bagaceiros com a música Bomba no Cabaré, dentre outras vulgariza a mulher em suas composições. O objetivo desta pesquisa é apresentar as composições e letras das músicas de forró, que banalizam o sexo feminino de forma torpe e vulgar. Colocando em risco sua integridade física e moral. Os específicos buscam descrever a história do forró, apresentando suas fases até os dias atuais; identificar a diferença entre o forró tradicional X o forró estilizado e apresentar as principais canções que alcançaram o topo das músicas mais tocadas em todo Brasil. Tendo como foco a exploração do sexo feminino, denegrindo a imagem da mulher brasileira. A mulher deve ser respeitada, pois a mesma não pode ser comparada com um objeto, ou algo deplorável diante da sociedade moderna.

Palavras-chave: Forró. Mulher. Banalização

## SUMARIO

1. INTRODUÇÃO .....	5
2. OBJETIVOS .....	6
2.1 GERAL .....	6
2.2 ESPECÍFICOS.....	6
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	7
3.1 Conceito sobre a origem do forró .....	7
3.2 As principais fases do forró .....	7
3.3 Forró tradicional X Forró estilizado.....	9
3.4 A banalização ao sexo feminino .....	11
3.4.1 As músicas e suas deturpações ao sexo feminino .....	13
4. METODOLOGIA .....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	15
6. CRONOGRAMA.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

## 1. INTRODUÇÃO

A música está presente na vida do ser humano antes mesmo de vir ao mundo. No Brasil, existem vários ritmos que embalam crianças, jovens, adultos e a terceira idade, de acordo com cada região. No Nordeste, o forró ficou conhecido na década de 40, mas ganhou espaço, através das composições de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, no ano de 1946, quando colocaram em cena, a vida precária dos nordestinos por falta de chuva, momento em que foi composta Aza Branca, ficando conhecida como o hino do Nordeste, por retratar uma das dificuldades e na composição, onde a letra apresentava ao mundo um linguajar diferente, onde os erros gramaticais tornaram-se frequentes em cada verso citado por Luiz, onde a plantação passou a ser prantação, fomalha a ser fornaia, voltar a ser vortar, mas que não perdia seu sentido e cativava cada vez mais milhões de ouvintes não só na região Nordeste, mas em todo o território nacional, por ser representado de forma límpido sem manchar ou macular a vida do sertanejo.

Por várias décadas, o forró ganhou novos ritmos, novos instrumentos e arranjos que fascinavam os que escutavam em rádios, CDs, ou nos grandes shows por toda região. Segundo Ferreira (2005) a música não é apenas fonte de entretenimento, mas também fator de contribuição para a construção da personalidade e da formação da sociedade: rima e métrica, associadas à melodia, abrem caminho à memorização espontânea, às vezes inconscientes, de discursos, proporcionando a absorção e consolidação de conceitos, ideias e crenças.

Com a mudança do século, o forró foi direcionado a criar novas letras, onde os compositores ressaltam a banalização da mulher, de forma a depreciar seu sexo, uma vez que, as letras são consideradas torpes e sem fundamento, pois a mulher hoje ocupa espaço importante em todas as esferas do país. Desde a presidência da república, a cargos menores. Desta forma, a pesquisa busca apresentar em todo corpo deste trabalho, o repúdio aos compositores e bandas que buscam a fama de forma errônea ao denegrir a mulher, além do grande número de seguidor que aplaudem e ovacionam a sua própria desvalorização.

O presente trabalho foi estruturado de acordo com o objetivo geral e específico. Onde a fundamentação teórica parte do principio a origem do forró, dando ênfase ao grande compositor Luiz Gonzaga, suas fases, a representação tradicional X estilizado, a banalização ao sexo feminino, de acordo com a composição das músicas que deturpam e colocam em exposição à mulher.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1 GERAL**

Analisar as composições e letras das músicas de forró, que banalizam o sexo feminino de forma torpe e vulgar. Colocando em risco sua integridade física e moral.

### **2.2 ESPECÍFICOS**

Descrever a história do forró, apresentando suas fases até os dias atuais;

Identificar a diferença entre o forró tradicional X o forró estilizado;

Apresentar as principais canções que alcançaram o topo das músicas mais tocadas em todo Brasil. Tendo como foco a exploração do sexo feminino, denegrindo a imagem da mulher brasileira.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Conceito sobre a origem do forró

Uma das teorias indica que o termo teria surgido da expressão “*for all*,” que em inglês significa: “para todos”. O termo faria referência às festas populares oferecidas pelos ingleses para os seus operários que trabalhavam na construção das estradas de ferro no Nordeste. A palavra denominaria um convite para o local que seria aberto a todos que quisessem participar. A festa possuía um caráter popular e democrático, presente até os dias atuais nos locais em que o forró é tocado (SILVA, 2003).

Os maiores colaboradores para que o estilo fosse conhecido, não só no Nordeste, mas em todo Brasil e no mundo, por meio das letras, melodias e interpretações foram: Luiz Gonzaga do Nascimento, mais conhecido como Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. A partir do ano de 1946, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira estilizaram o baião que, até então, era mais precisamente um gênero que se definia como ritmo e um modo de dançar da gente nordestina. (PHAELANTE, 1995).

#### 3.2 As principais fases do forró

- ✓ O Forró tradicional surgiu na década de 40 e possui características ligadas ao universo rural do homem sertanejo. O forró tradicional popularizou o estilo. Como representante propulsor do mesmo, temos Luiz Gonzaga.
- ✓ O Forró universitário surgiu a partir de 1975, mas este só veio a se concretizar definitivamente na década de 90, quando já estava em sua segunda fase. O forró universitário é fruto da união do forró tradicional com outros ritmos como: o *pop* e o *rock*. Assim, tem-se a mistura da linguagem regional do forró com a linguagem da música popular urbana, ainda acrescentando elementos do *rock* e do forró tradicional.
- ✓ O Forró eletrônico, por sua vez, surgiu no início dos anos 90. A sua principal característica é a linguagem carregada de gírias, estereótipos e palavras “eletrizantes”. As apresentações dos grupos são o ponto forte destas bandas que fazem uso de muitos efeitos visuais, fazendo com que a música perca o seu papel de atração principal. No palco, encontramos uma estrutura completa de elementos com muita iluminação, equipamentos de som com tecnologia de ponta, e ainda existem as entradas de som

para órgãos eletrônicos como a guitarra que vem para substituir, aparentemente, a sanfona. (SILVA Apud LIMA, 2008).

O Forró é um elemento cultural que fundamenta grande parte dos comportamentos da sociedade nordestina, a qual se baseia em ritmos, letras e danças desencadeadoras de alguns elementos que caracterizam cotidianos da vida dos nordestinos. Para Felipe Trotta como música o Forró constitui um importante espaço aglutinador dos hábitos, desejos, saberes, sonhos, costumes e valores que permanentemente circulam e entram em conflito no terreno da cultura. Em outras palavras, músicas não apenas fazem cantar, dançar e divertir, elas “carregam teias de significados, valores e sentimentos que interagem com a vida cotidiana das pessoas e dos grupos sociais”. (TROTТА, 2009, p. 22).

De acordo com Quadros (2005, p. 119)

O Forró é a festa onde se toca gêneros musicais nordestinos, tais como o baião, o xote, o xaxado, o côco e a quadrilha, e se dança o baião, o xote, o xaxado, o côco e a quadrilha. Porém, é importante atentarmos que, popularmente, o termo Forró é usado para designar tanto as “danças nordestinas” quanto as ‘músicas nordestinas’, por isso é comum as expressões ‘Vamos dançar um Forró’ ou ‘Vamos tocar um Forró’. Note-se, ainda, que estas expressões não distinguem os vários gêneros musicais e os vários ritmos de dança que compõem o fenômeno.

Trotta (2012) defende que o forró se sedimentou no mercado através dessa valorização do sertão. Seu conjunto de sonoridades (principalmente a sanfona), vocabulário (através da utilização de jargões da linguagem regional) e imagens (chapéu de couro, cenários de agreste, casas de barro, etc.) passou a servir de indicador de qualidade da produção forrozeira, conferindo valor e legitimidade aos artistas e às canções. Quanto mais próximo de uma relação estreita com o sertão, mais “autêntica” era a voz do forrozeiro e melhores suas condições de ingressar no mercado. Contudo, passando pelo forró tradicional (pé-de-serra) e forró universitário, na década de 1990 iniciou-se a popularização do forró eletrônico, que trouxe sentidos identitários diferentes dos estilos de forró vistos até o momento.

Cunha (2011) ressalta que o forró, como produto cultural, emerge associado fortemente a uma ideia de nordestinidade, todavia, no forró eletrônico é possível suspeitar que exista uma relação de distanciamento com este sentido. Enquanto o forró tradicional representa um elemento a ser somado a outras manifestações regionais do restante do país, o forró eletrônico pautou-se na afirmação de uma única nordestinidade. Tampouco ele poderia deixar de articular elementos diversos que ajudariam a forjar uma nação forrozeira como algo simultaneamente além e aquém do Nordeste e de modos de ser a ele correlatos.

### 3.3 Forró tradicional X Forró estilizado

Paulino (2012) falar de forró tradicional sem fazer referência ao grande mestre Luiz Gonzaga é quase impossível, representante oficial desse ritmo tipicamente nordestino nasceu em Exu cidade que se localiza no estado de Pernambuco, depois foi morar no Ceará, foi recruta na Revolução de 1960 onde lutavam contra o regime da ditadura militar, trabalhou em Minas Gerais e depois foi para São Paulo em busca de melhores condições de vida.

Luiz Gonzaga abriu as portas para o forró tradicional, ressaltando as origens nordestinas, mostrando suas dificuldades sem banalizar sua cultura e seu povo, mas mostrando a realidade de um povo sofrido por falta de chuva que era considerada o ponto de partida para a sobrevivência do povo que vivia exclusivamente das plantações. Através deste olhar, Luiz Gonzaga compõem Aza Branca, que passou ser conhecida como o hino do Nordeste.

Quando "oiei" a terra ardendo  
Qual a fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação

Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação

Que braseiro, que fornaia  
Nem um pé de "prantação"  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
"Intonce" eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

"Intonce" eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas légua  
Numa triste solidão

Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão  
Quando o verde dos teus "óio"  
Se "espaçar" na prantação  
Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração.

O forró estilizado ganhou destaque na década de 80, alterando o sentido das letras, incluindo novos equipamentos como a guitarra, bateria e baixo que substituíram a tradicional sanfona usada no forró tradicional. Essas mudanças aconteceram quando os empresários do estado do Ceará, tendo a frente o então produtor musical Emanuel Gurgel, que conquistou o gosto do público local e posteriormente o país, dando ênfase a vulgarização e banalização da mulher nordestina, deixando a cultura do forró tradicional esquecida, como pode ser percebida abaixo. “Gostosa vizinha”, banda solteirões do forró.

Mulher boa é minha mãe  
Gostosa é minha vizinha  
Pense numa mulher galinha  
Todos querem lhe traçar  
Todo dia é um macho  
É um "caba" diferente  
Pense uma "mulé" doente  
Quero ir mais tenho medo  
Fico lhe amando em segredo  
Vendo ela se atracar

Só no gemido aí aí  
E eu na covardia atrás  
Só no gemido aí aí  
E dá janela eu quase caí

A sonoridade das bandas que tocam este estilo é marcada “pela repetição e previsibilidade de um ritmo frenético e dançante”, que contagia as pessoas além de um forte apelo à banalização do sexo e uma desvalorização feminina, fala das mulheres como objeto de satisfação dos desejos sexuais ou da libido dos homens. São músicas que possuem um refrão que se repete várias vezes, a exemplo do forró de duplo sentido, que impregnam a mente e, muitas pessoas saem repetindo mesmo quando não são simpatizantes de tal estilo (SANTOS, 2009, p. 2).

Percebe-se também que algumas mulheres gostam desse tipo de depreciação, não é nada incomum vermos isso, basta apenas ir a alguns eventos que presenciamos o modo como bebem e dançam em cima de carros chamados de “paredões”, sendo estes carros equipados com som, onde muitas vezes se faz até disputas para ver qual o mais potente e para “homenagear” essas disputas a banda conhecida como Forró Pegado fez uma música intitulada como Combate mundial de som, a qual faz o maior sucesso nesses eventos (PAULINO, 2012).

### **3.4 A banalização ao sexo feminino**

No século XXI, as mulheres passam a ser denegridas de forma torpe em composições que viram sucesso na voz dos principais cantores de forró em todo o Nordeste, ganhando grande notoriedade no país, principalmente pela mulher, que é deflagrada por posturas e condições de banaliza o sexo feminino, mas ao mesmo tempo é motivo de ostentação por uma maioria de mulheres que se deixam levar pela euforia e fanatismo do cantor, dando espaço para que outros homens passem a ver a mulher como um objeto de prazer, ou ostentação, uma vez que, uma grande parcela se deixa influenciar pela falta de pudor, ou respeito ao próprio sexo.

Sem dúvidas, no forró eletrônico, a imagem feminina passa por um processo de mercadorização. Evidencia-se cada vez mais um corpo descoberto na busca em atingir objetivos capitalistas. E esta evidência, dá-se, sobretudo, por processos midiáticos, orientados por lógicas de mercado, onde empresas produzem mercadorias, informação, entretenimento e publicidade, que, integrados, formam suas bases de interesses. Assim, neste momento discutiremos teoricamente sobre mídia, as relações de gênero e o forró no campo cultural midiático (CUNHA, 2011).

Para Antunes (2002) as imagens de feminilidade que aparecem nos anúncios publicitários, nos almanaques, nas telas de cinema e nas revistas, com bastante ênfase na

década de 1930, com uma significação de procriação, não mais assume papel de destaque hoje, pois o papel da mulher na mídia é mais mercadológico, propulsionado pelo culto ao corpo, de formas perfeitas e na exposição, já banalizada, do corpo feminino, cada vez mais descoberto, desnudo.

Um das principais músicas composta pelo cantor Wesley Safadão ganhou popularidade, a

A gata endoidou e deu uma empinadinha em mim. Empina em mim empina empina empina em mim. Agora eu endoidei e também vou fazer com ela. Empina nela empina empina nela. Ei ei ei, olha o som! Visse visse que tá bom, visse visse que tá bom. Ei ei ei olha o som. Visse que tá bom, visse que tá bom. Relaxa o som já tá ligado. Quando começa tocar ninguém fica parado. Homens e mulheres já tão tudo se pegando. A gata endoidou e deu uma empinadinha em mim. Empina em mim empina empina empina em mim. Agora eu endoidei e também vou fazer com ela. Empina nela empina empina nela (GAROTA SAFADA, 2012).

A imagem feminina é alvo de uma lógica capitalista, que a coloca na condição de bem de consumo. Paralelamente, a aparição crescente dessa problemática de mercantilização do corpo feminino através dos apelos midiáticos, emerge a discussão sobre a necessidade de se reverter essa situação, que reflete a ideia de que o corpo da mulher, ao mesmo tempo que é seu, não lhe pertence (GOELLNER, 2001).

As músicas de forró de maior aceitação pelo gosto popular, em especial, por jovens, trazem em suas letras uma linguagem altamente depreciativa que retifica a figura do feminino e incentiva a violência contra mulher por intermédio da violência simbólica, colocando a violência como base fundamental das relações sociais. É um estilo musical conhecido como forró estilizado, também conhecido como forró moderno, uma versão contemporânea do forró eletrônico (FEITOSA, 2017, p. 5).

O autor descreve as principais bandas que atuam principalmente no Nordeste brasileiro, a exemplo de Cheiro de Menina, Calcinha Preta, Moleca sem Vergonha, Garota Safada, Ferro na boneca, Cheiro de Menina etc. São bandas que trazem em suas designações nomenclaturas referindo-se ao comportamento das mulheres em relação ao exercício da sua sexualidade, além de enfatizarem a preferência dos homens por meninas, sugerem que a mulher, desde a mais tenra idade é marcada pelo poder sedutor. O resultado é a redução da mulher a objeto sexual.

Segundo Ribeiro (2007) música é um instrumento cultural de comunicação muito presente no cotidiano. Ela circula em todos os meios de comunicação como cinema, televisão, propaganda publicitária, rádios etc., Dessa forma “ela muito pode revelar de nós mesmos e do mundo em que vivemos”.

### 3.4.1 As músicas e suas deturpações ao sexo feminino

As composições abaixo mostram quanto à imagem feminina é denegrada perante a sociedade brasileira, além dos outros países que promovem eventos com as bandas de forró da atualidade. É notório que as letras explicitam a violência verbal, ou até a violência física, pois os homens em seus momentos de euforia tentam dominar a mulher de forma torpe, como se a mesma fosse uma mercadoria exposta para ser degustada de acordo com a vontade ou necessidade do sexo masculino.

O processo de saída da mulher para a vida pública, principalmente através do mercado de trabalho gerou no universo da sociedade machista, patriarcal certo estranhamento. A mulher tornou-se mais visível sexualmente, expressando mais seu desejo, aumenta também a sua vulnerabilidade, pois ficam mais expostas, uma vez que se deslocam naquilo que é considerado o limite entre virtuosas ou profanas. (FARIA, 1998, p.17).

**Tabela 1** – A imagem depreciativa da mulher nas músicas massificadas de forró

Banda	Letra
Saia Rodada	Tooooooma gostosa, lapada na rachada.../ Você pede e eu te dou, lapada na rachada/ E aí, tá gostoso?/Lapada na rachada. Toma toma tomaa...
Aviões do Forró	Pense numa mina linda, a danada enlouqueceu/ A macharada la festa quando ela apareceu/ Um sorriso envolvente um jeitinho sensual/ Pra acabar de completar me deu mole no final / Juro não acreditava no que estava acontecendo/ Ela sorria e me olhava e o clima foi crescendo/ Fui direto ao assunto e não pude acreditar/.
Os Bagaceiros	Foi tanto caco de pauta voando pra todo lado/ dava pra apanhar de pá, de enxada e de colher!/ no meio da rua tava os braços da Tereza/No meio fio tava as perna (sic) de Rache/ Em cima da telha os cabelo (sic) de Maria/ No terraço de uma casa os peito (sic) de Isabé!/.

Fonte: Feitosa - 2009

Portanto, é notório que a deflagração contra a mulher pode ser vista de forma torpe nas composições acima citadas. Colocar a mulher num patamar de baixo calão, onde os homens passam a observa lá como um troféu a ser ostentado entre os demais, mostrando que as mesmas não se retraem a esse tipo de banalização, possibilitando o interesse masculino aos desejos sexuais, quando a banda Aviões do Forró interpretou a música Lapada na Rachada, no ano de 2007. Essa interpretação mostrou a vulgaridade nos grandes eventos, quando a mulher fazia menção de bater com a própria mão seu aparelho feminino, enlouquecendo os homens que estavam próximos, que em muitos casos, se aproveitavam para auxiliar na famosa lapada.

#### 4. METODOLOGIA

O estudo foi realizado no período de quatro meses, entre setembro de 2016 a janeiro de 2017. Durante esse tempo, a pesquisa buscou nos livros, revistas, jornais e trabalho publicados nos meios de comunicação apresentar o forró da década de 40, traduzido por Luiz Gonzaga, em apresentar ao povo brasileiro o sofrimento do povo nordestino, mostrando seus sentimentos, valores e esperança por dias melhores. Nesta pesquisa, foi possível identificar os principais gêneros musicais da região, tais como o baião, o xote, o xaxado, o côco e a quadrilha, e se dança o baião, o xote, o xaxado, o côco e a quadrilha que ganham o esquecimento como também as novas e futuras gerações que passam a ter interesse pelo forró estilizado, como também, através da pesquisa, mostrar as mudanças nas letras e nos equipamentos utilizados nos tempos atuais.

Portanto, foi possível entender a principal forma de atrair o público jovem, e seduzir os mais velhos, através da banalização do sexo feminino, pelas bandas de maior sucesso na atualidade. Para a pesquisa bibliográfica, os trabalhos foram selecionados de acordo com o objetivo geral, onde passou por uma mensuração na escolha dos melhores autores, a fim de apresentar na íntegra, a deturpação moral contra a mulher.

Portanto, o desenvolvimento metodológico qualitativo proposto por Bardin (2011) descrevendo as três etapas anunciadas acima. **A pré-análise** é a organização do material, tanto daqueles que serão utilizados para a coleta dos dados, como outros quaisquer que possam ajudar no melhor entendimento do fenômeno. Essa etapa fixa o que o autor define como *corpus* da investigação, ou seja, a especificação do campo em que o pesquisador deve centrar a atenção. **A descrição analítica** (exploração do material) envolve o aprofundamento do material reunido que constitui o *corpus* da pesquisa. É orientado pelas hipóteses e pelo referencial teórico escolhido para fundamentação da análise, resultando na formação de

quadros de referências, formado por sínteses coincidentes ou divergentes de ideias. A **interpretação referencial** (tratamento dos resultados) é a fase de análise propriamente dita que lança mão de processo como as inferências, a reflexão crítica, a intuição, com embasamento nos materiais empíricos coletados que estabelecem relações com a realidade e conexões de ideias, resultando em proposta básica de transformações nos limites do objeto de pesquisa estudado.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa cujo tema é a banalização da mulher nas músicas de forró, possibilitou entender as mudanças entre a década de 40, onde o rei do baião, Luiz Gonzaga começou a encantar com suas composições o povo nordestino, através de um ritmo que encantava a todos, empregando o povo, a cultura e suas preocupações.

O forró passou por três fases, que iniciou na década de 40, através do forró tradicional, revivido até os dias atuais, mas com menos frequência, pois a modernidade trouxe em 1975 o forró universitário, uma mistura que envolve o forró tradicional com o pop e o rock. Essa evolução se deu pelo uso de equipamentos eletrônicos que possibilitou uma acústica de acordo com a cara do novo público que empregaram equipamentos como a guitarra, a bateria e os teclados eletrônicos. Na década de 90, surgiu o forró eletrônico, onde o ritmo permaneceu, mas com mudanças principalmente na linguagem carregada de gírias, estereótipos e palavras eletrizantes.

Finalizando os resultados, a mulher passou a ser o centro das atenções nas novas composições de letras, não de forma respeitosa, mas na banalização do sexo feminino. Onde as mesmas são colocadas com alvo de chacota e vulgarização, ao descrever suas ações, comparando-as a mulheres vulgares, sem pudor ou qualquer tipo de qualificação que o homem venha a ter respeito, principalmente quando as mesmas não se dão ao respeito, ao interpretar as letras, usando o corpo em shows em todo o país.

## 6. CRONOGRAMA

Atividades	MÊS				
	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro
Seleção do material	<b>X</b>				
Revisão Bibliográfica		<b>X</b>			
Construção da Fundamentação Teórica		<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
Conclusão					<b>X</b>
Entrega da pesquisa					<b>X</b>

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Priscilla de Cesaro. **As imagens do corpo feminino refletidas nos espelhos das mídias.** *Motrivivencia*. Ano XI, n. 18, p. 131-142, 2002.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

CUNHA, Marlécio Maknamara da Silva. **Currículo, gênero e nordestinidade:** o que ensina o Forró Eletrônico? Tese (Doutorado). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2011.

FEITOSA, Sônia de Melo. **As expressões do patriarcado nas letras das músicas de forró.** Mestranda em Serviço Social - Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E. São Luís – MA, 2009.

FERREIRA, C. R. **Mulher é bicho ruim:** é o que diz o cançãoeiro popular. 2005. 141 p. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

GAROTA SAFADA. **Uma nova história.** Rio de Janeiro - RJ: Som Livre, 2012. DVD, 91 min.

GOELLNER, S., **A Educação Física e a construção do corpo da mulher:** imagens de feminilidade *Motrivivência*, Ano XII, n. 16, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

PHAELANTE, Renato. **Forró:** Identidade Nordestina. Fundação Joaquim Nabuco (Instituto de Pesquisas Sociais / Departamento de Antropologia). Recife: 1995.

RIBEIRO, Mariângela. “Cacos de Fitas”: **a imagem da mulher na canção massificada. Livratemundo**, maio 2007. Disponível em: <http://livratemundo4.blogspot.com/2007/05/cacos-das-putas-imagem-da-mulher-na.html>. Acesso em 02/01/2017.

SILVA, Leandro Expedito. **Forró no Asfalto: Mercado e Identidade Sociocultural**. São Paulo: Annablume, 2003.

SILVA, Tomaz Tade. Identidade e Diferença- **A Perspectiva dos Estudos Culturais**. Tomaz Tadeu, da SILVA (Org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

QUADROS JÚNIOR, Antonio Carlos de; VOLP, Katia Mary. **Forró Universitário: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro. Motriz**, Rio Claro, v.11, n.2, p.117-120, 2005.

TROTTA, Felipe. **O Forró Eletrônico no Nordeste: um estudo de caso. Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 20, p. 102-116, 2009.

\_\_\_\_\_. **Música popular, valor e identidade no forró eletrônico do Nordeste do Brasil**. (2012). Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/members/congress-papers/lasa2009/files/TrottaFelipe.pdf>. Acesso em 12/12/2016.

PAULINO, Kelsia Grazielle. **A banalização do perfil feminino nas músicas de forró – Guarabira: UEPB**, 2012

